

CADERNOS AFRO MEMÓRIA

volume 5 * número 1
ISSN: 2965-2693

Acervo Quilombhoje Literatura

AFRO 
Núcleo de Pesquisa
e Formação em Raça,
Gênero e Justiça Racial



CADERNOS AFRO MEMÓRIA

Editores

Paulo Cesar Ramos

[Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, Pesquisador de Pós-doutorado da Unicamp. Pesquisador do Núcleo Afro-CEBRAP]

Guilherme Lassabia de Godoy

[Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo e pesquisador no Afro-CEBRAP]

Maria Júlia Venâncio Ananias

[Doutoranda no Africana Studies da Universidade da Pensilvânia e pesquisadora no Afro-CEBRAP]

Curadoria e Pesquisa

Guilherme Lassabia de Godoy

Maria Júlia Venâncio Ananias

Projeto gráfico

Luiza De Carli [Bacharel em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e assistente de pesquisa no Afro-CEBRAP]

NÚCLEO AFRO CEBRAP

Coordenação Institucional

Márcia Lima [Professora do Departamento de Sociologia da USP]

Huri Paz [Mestrando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP)]

Coordenação de Comunicação

Agnes Sofia [Jornalista e doutoranda em linguística aplicada pela Unicamp]

Equipe Afro Memória

Mário Medeiros [Diretor do Arquivo Edgard Leuenroth e professor do departamento de Sociologia da UNICAMP]

Aldair Rodrigues [Ex-diretor (2020-22) e diretor adjunto (2017-20) do Arquivo Edgard Leuenroth e professor do departamento de História da UNICAMP]

Paulo César Ramos

Daniela Vieira [Coordenadora da linha de pesquisa Hip-Hop em Trânsito (Cemi/Unicamp)]

Guilherme Lassabia de Godoy

Maria Júlia Venâncio Ananias

Contato

afro@cebrap.org

fromemoria@cebrap.org.br

CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO

R. Morgado de Mateus, 615
Vila Mariana, São Paulo - SP
CEP 04015-051



Parceria



Apoio



Ford Foundation

IBIRAPITANGA



SUMÁRIO

RECADADO AO LEITOR * Para melhor visualização deste material no formato digital, habilite a visualização das páginas duplas. Para fazer isso no *Adobe Acrobat*, basta clicar em *Visualizar / Exibição da Página* e depois marcar as opções *Exibição em duas páginas* e *Mostrar página de rosto em exibição em duas páginas*.

- 5 **Apresentação** * Paulo César Ramos e Mário Medeiros
- 9 **Quilombhoje Literatura, “uma luta que nos transcende”**: reflexões sobre a construção de um acervo de história oral * Abílio Ferreira e Joana Barros
- 17 **A Importância Histórica do Quilombhoje e os Cadernos Negros** * Esmeralda Ribeiro
- 21 **Depoimento de Conceição Evaristo**
- 23 **Oliveira Silveira (1941-2009): notas sobre um guerreiro ancestral dos Cadernos Negros** * Ryan B. Morrison
- 29 **Cadernos Negros: caminhos da história editorial negra brasileira** * Fernanda Felisberto
- 35 **O Quilombhoje e a formação de escritores: literatura negra e movimento** * Andressa Marques

cadernos negros 9

CADERNOS

NEGROS - 9

POEMAS

Pistolesi '88

APRESENTAÇÃO

Paulo César Ramos

Doutor em Sociologia pela USP e
Coordenador do Projeto Afro Memória

Mário Medeiros

Professor do Departamento de Sociologia da
Unicamp e Diretor do Arquivo Edgard Leuenroth

Esta edição dos *Cadernos Afro Memória* reúne um conjunto de reflexões que, por diferentes caminhos, reafirmam a centralidade da criação literária na presença da negra e afrodescendente no Brasil. Seja pela experimentação estética, pela via do romantismo, do lirismo, ou então pela via do questionamento da ordem política vigente. Neste sentido, podemos dizer que a atuação do grupo Quilombhoje e a publicação da série/coleção *Cadernos Negros* emerge de uma tradição literária negra e converte-se numa instituição desta tradição negra no Brasil. Os textos aqui contribuem para esta compreensão ao convergirem no destaque não apenas a importância histórica da recorrência dessas iniciativas, mas também a densidade de suas práticas coletivas, seus modos próprios de produção editorial e seu papel formador no campo da cultura e da memória afro-brasileira, por que não, de um pensamento social.

O texto de Abilio Ferreira e Joana Barros aborda a dimensão da memória em sua multiplicidade: como elemento estruturante dessas experiências em conteúdo e em forma, mas também como recurso metodológico e a pesquisa como parte do fazer literário. A constituição do acervo

do Quilombhoje, marcada por lacunas, dispersões e recomposições, evidencia que a memória coletiva se constrói de forma processual e não linear. A dupla nos conta dos detalhes envolvidos na construção de um arquivo ao reunir documentos, depoimentos e trajetórias individuais. Nesse movimento, o próprio ato de arquivar se torna prática política e gesto de reinscrição histórica da literatura negra. A reflexão e descrição desenvolvida engrandece a coleção dos *Cadernos Negro* bem como o Projeto Afro Memória.

De um ponto de um ponto de vista temporal, revisitar a trajetória do Quilombhoje, evidencia-se a construção de um espaço de criação e circulação de vozes negras que, desde 1978, tem operado como núcleo articulador entre literatura, política e identidade. Por isso, Esmeralda Ribeiro mostra em seu texto que a experiência dos *Cadernos Negros*, nesse sentido, ultrapassa a dimensão de uma coletânea literária para se afirmar como um projeto contínuo de afirmação estética e intelectual, capaz de tensionar os limites do cânone e de inscrever autores negros como sujeitos ativos da produção cultural brasileira.

Essa trajetória também pode ser

compreendida como parte de uma história mais ampla da edição negra no país, marcada por estratégias autônomas de publicação, circulação e formação de leitores. Fernanda Felisberto no brinde ao dialogar com referências como Carolina Maria de Jesus e Paula Brito e experiências editoriais do século XIX, os textos destacam a inserção dos *Cadernos Negros* em uma linhagem histórica que articula memória, autoria e luta por reconhecimento. Trata-se de um projeto editorial que, ao longo de décadas, consolidou uma rede de produção coletiva, sustentada por práticas de autogestão e por um compromisso político com a visibilidade da experiência negra.

O próprio ato de arquivar se torna prática política e gesto de reinscrição histórica da literatura negra.

Outro eixo fundamental desta edição é a dimensão formativa do Quilombhoje, que anima do texto da escritora Andressa Marques. Para além da publicação, a autora fala do processo coletivo de criação literária e de construção de trajetórias autorais, por meio de oficinas, encontros e práticas de criação compartilhada. Essa atuação se inscreve em continuidade com tradições do movimento negro que, desde a imprensa negra do pós-abolição, investem na formação de escritores, leitores e públicos, articulando cultura e ação política. Ao mesmo tempo, tais práticas encontram ressonância em iniciativas contemporâneas que ampliam o acesso à escrita e à leitura nas periferias brasileiras, atualizando esse legado em novas condições históricas.

Por fim, Ryan Morisson trata da presença de autores e trajetórias diversas que reafirma o caráter plural dos *Cadernos Negros*, destacando

sua capacidade de incorporar múltiplas experiências regionais e perspectivas estéticas. A obra e a militância de figuras como Oliveira Silveira exemplificam essa expansão, ao inserir outras territorialidades negras no interior da tradição literária, tensionando imaginários dominantes e ampliando o alcance nacional do projeto.

Em conjunto, os textos desta edição revelam os *Cadernos Negros* e o Quilombhoje como uma experiência literária de múltiplas facetas e implicações. Trata-se de uma prática coletiva de produção de conhecimento, memória e elaboração emancipatória. Sua cuja força e longevidade ancora-se na articulação entre criação estética, formulação e formação política, e compromisso histórico com construção identitária de afrodescendentes e na diáspora africana, dando ânimo à ampla superfície e profunda radicalidade da experiência negra.



Sonia



Ramatis Jacino



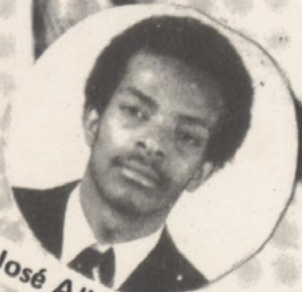
Paulo Ricardo de Moraes



Cuti



Marcio Barbosa



José Alberto



Valdir Ribeiro Floriano



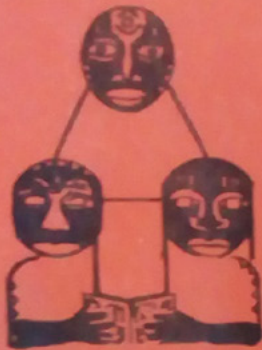
Oubi Inaê Kibuko



Luanga

reflexões

AUTORIA



QUILOMBHOJE



sobre a literatura afro-brasileira

CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NEGRA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

QUILOMBOJE LITERATURA, “UMA LUTA QUE NOS TRANSCENDE”: reflexões sobre a construção de um acervo de história oral

Abílio Ferreira

Dirigente do Instituto Tebas
de Educação e Cultura (ITebas)

Joana Barros

Professora da UNIFESP e coordenadora
do Centro de Memória Urbana (CMUrb)

O trecho entre aspas do título deste artigo foi extraído da introdução do livro¹ Reflexões sobre a literatura afro-brasileira. Essa publicação inaugura a identidade específica do Quilombhoje em relação à antologia Cadernos Negros, já que o volume 1 desta foi publicado em 1978, enquanto aquele foi criado em 1980. Ressalte-se, além disso, que integrar o Quilombhoje não significa,

necessariamente, publicar em Cadernos Negros e vice-versa.

A partir do 6º volume da antologia (1983), o grupo passou a geri-la, convidando autoras e autores, coletando as contribuições em dinheiro de cada participante, organizando os textos, produzindo, lançando, divulgando e distribuindo os livros – trabalho que, nos primeiros cinco volumes, teve o escritor Cuti como principal responsável –, colocando em circulação, enfim, a produção negro-literária proveniente de várias partes do Brasil.

1 “... este livro não se propõe a ser começo nem fim. É parte de uma luta que nos transcende, pois teve início muito antes e vai continuar depois de nós” (Reflexões sobre a literatura afro-brasileira, Quilombhoje, Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, 1985, p. 14).



Lançamento do Cadernos Negros 26 no Sesc Paulista.

As três mulheres e os cinco homens² que participaram de Reflexões sobre a literatura afro-brasileira tinham consciência da importância da frase, tanto que a colocaram em destaque na 4ª capa, sobreposta à indispensável imagem delas e deles, que escreveram os oito ensaios da publicação. Importava, assim, como ainda hoje importa, articular forma e conteúdo.

O nome, resultante do processo de aglutinação do substantivo “quilombo” com o advérbio de tempo “hoje”, inventado na noite de 28 de fevereiro de 1980, numa conversa, que deve ter sido bem animada, entre os escritores Abelardo Rodrigues, Cuti, Mario Jorge Lescano, Oswaldo de Camargo e Paulo Colina, não por acaso no bar e restaurante Mutamba, então vizinho das empresas do Grupo Estado – rádio e estúdio Eldorado, jornal O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde, em que Camargo trabalhava –, acaba por refletir a maneira com que o grupo adaptou ao universo literário e editorial a tecnologia quilombola da autogestão, da circularidade e do trabalho

coletivo, sem prejuízo das individualidades.

Essa identidade ficou ainda mais evidente no projeto Livro do Autor, que possibilitou a cada uma daquelas oito pessoas publicar um título individual, viabilizado pelos recursos financeiros advindos das vendas de Cadernos Negros, cujos concorridos lançamentos eram, e seguem sendo, verdadeiros rituais de celebração da autoestima negra. Foi assim que vieram a público Poemas para o meu amor, de Oubi Inaê Kibuco (1984); Estrelas no dedo, de Miriam Alves (1985); Teclas de ébano, de Jamu Minka (1986); Quizila, de Cuti, e Paixões crioulas, de Marcio Barbosa (1987); Malungos e milongas, de Esmeralda Ribeiro (1988); Fogo do olhar, de Abilio Ferreira (1989); e Marcas, sonhos e raízes, de Sonia Fátima da Conceição (1991).

E há uma nona pessoa que, embora não tenha sido até agora mencionada aqui, teve importante participação no processo de consolidação do Quilombhoje. Trata-se de Vera Lucia Alves, irmã de Miriam Alves, que no período em foco ainda não havia se descoberto como escritora, razão pela qual não figura como ensaísta em Reflexões..., nem entre as autoras do projeto Livro do Autor, ou mesmo entre as poetisas e contistas dos

² Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Sonia Fátima da Conceição, Abilio Ferreira, Cuti, Jamu Minka, Márcio Barbosa e Oubi Inaê Kibuko.

volumes de Cadernos Negros lançados ao longo das décadas de 80 e 90. Sua experiência administrativo-financeira, porém, foi fundamental para a gestão dos recursos que puseram de pé o projeto Livro do Autor. Só depois de ter deixado o grupo é que passou a publicar seus textos de ficção, participando, sob o pseudônimo de D'Ileamar Monteiro, dos volumes 26 (2003), 38 (2015) e 42 (2019) de Cadernos Negros.

A invenção do termo “quilombhoje”, portanto, é marcada pela intencionalidade afrodiaspórica e ancestral, que compreende todo o impacto dessa palavra nova, criada a partir da mobilização política da população negra nas américas, com base na sua própria experiência histórica e cultural³.

O Acervo

A gestação do projeto Quilombhoje Literatura: “uma luta que nos transcende” teve início em meados de 2020, no âmbito do Centro de Memória Urbana (CMUrb) da UNIFESP. Sua primeira

manifestação pública ocorreu dois anos e meio depois, com a realização, no Sesc Vila Mariana, de 09 a 12 de novembro de 2022, do ciclo de formação Quilombhoje: o direito à literatura e à memória como estratégia de enfrentamento do racismo.

Em dezembro de 2023 foi constituída, com apoio financeiro do Instituto Ibirapitanga, a parceria entre o CMUrb e o Instituto Tebas de Educação e Cultura (ITEbas), além do próprio Quilombhoje, objetivando produzir um acervo a partir de depoimentos de história oral e de recebimento de documentos das 11 pessoas vivas, de um total de 13 integrantes, que, ao longo dos últimos 45 anos, consolidaram o modo de organização e de sustentação de Cadernos Negros e do próprio grupo. Até o momento em que escrevemos este artigo, 10 dessas pessoas já foram ouvidas: Abelardo Rodrigues, Abílio Ferreira, Esmeralda Ribeiro, Jamu Minka, Marcio Barbosa, Míriam Alves, Oswaldo de Camargo, Sônia Fátima Conceição, Oubi Inaê Kibuco e Vera Lúcia Alves. Duas delas (Abílio Ferreira e Abelardo Rodrigues), inclusive, decidiram, além de dar entrevistas em vídeo e áudio, também doar ao CMUrb livros, fotografias, recortes de jornal,

3 Sobre o Quilombismo, ver http://www.abdias.com.br/movimento_negro/quilombismo.htm

manuscritos e outros materiais reunidos ao longo das suas trajetórias pessoais, constituindo, assim, os seus acervos específicos.

A constituição de um arquivo, entretanto, nunca foi uma prática deliberada, tampouco sistemática, do Quilombhoje. Como muitos outros coletivos, o grupo acumulou documentos de modo fragmentário e contingente, sem intencionalidade arquivística. Este fundo documental acumulado ficou sob guarda de sua atual coordenação (Esmeralda Ribeiro e Marcio Barbosa), até meados de 2020, quando foi doada ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da UNICAMP no âmbito do Projeto Afro Memória, demarcando uma primeira tentativa de institucionalização da memória documental do grupo. Essa doação, cujo momento, aliás, coincide com o já citado início do projeto aqui descrito, inscreve-se em uma política mais ampla de preservação de acervos de pessoas e entidades do Movimento Negro Brasileiro articulada por Mário Augusto Medeiros e Aldair Rodrigues, à frente da coordenação do AEL, evidenciando tanto a urgência dos processos tardios de arquivamento quanto os limites a eles inerentes. O arquivo, pois, não é o registro de uma totalidade, mas fruto da sedimentação irregular de práticas de produção, circulação e guarda atravessadas por lacunas estruturais. Retomando uma formulação clássica dos estudos de memória e arquivos, podemos dizer com Henry Rousso: todo arquivo é indício de uma falta.

O acervo individual de Abelardo Rodrigues, por exemplo, contém a totalidade dos seus materiais, que hoje se encontram parcialmente processados. Seu fundo documental reúne, além de um conjunto expressivo de itens relativos à sua trajetória pessoal, profissional e literária, também documentos da primeira formação do Quilombhoje, parte do qual, provavelmente, não consta do acervo do grupo depositado no AEL, uma vez que Esmeralda Ribeiro e Marcio Barbosa não integravam essa primeira configuração. O material de Rodrigues recobre mais de trinta anos de produção fora do grupo e inclui textos em prosa inéditos, poemas, haicais e tankas também não publicados, provas de livros, crônicas,

crítica literária etc., além de alguns volumes hoje raros de Cadernos Negros. Um conjunto de poemas foi publicado a partir do tratamento do fundo documental: o livro de poemas *Sob minha pele preta* (Cubile Editorial, 2023) e outro, de tankas e haicais, *Bucólicas: quase tankas, quase haicais* (Córrego, 2025).

Já o acervo de Abílio Ferreira reúne poucos documentos referentes ao grupo e um número maior concernente à sua trajetória pessoal. Importa observar que, ao deixar o Quilombhoje, Ferreira se desfez de parte considerável de seus documentos, o que confere a esse conjunto um caráter fragmentário de princípio. A experiência de construção do acervo do grupo parece ter alimentado o interesse pela recuperação de seu conjunto documental: caixas, pastas, gavetas foram reviradas, materiais agrupados, livros e papéis, fotografias e objetos foram revisitados e reunidos neste esforço e trabalho de memória tanto de sua trajetória e participação no Quilombhoje quanto de sua trajetória e produção intelectual. Os documentos por ele acumulados, por outro lado, explicitam como perdas e dispersões fazem parte das trajetórias pessoais e coletivas e como são elementos constitutivos dos acervos.

Quanto às demais pessoas entrevistadas, a maior parte doou alguns materiais, que foram processados dentro do acervo Quilombhoje. Estes conjuntos, embora menores, sublinham a percepção de que o arquivo não é um objeto unificado, mas constitui-se como uma rede de materiais que operam em diferentes escalas e temporalidades.

Esse gesto de memória, a um só tempo arquivístico e analítico, busca ampliar o campo interpretativo no qual o Quilombhoje está inscrito e no qual inscreve a Literatura Negro-Brasileira⁴. Desde que se nomearam como Quilombhoje, em fevereiro de 1980, aqueles escritores não apenas criaram um nome, mas uma gramática ética e estética compartilhada, ainda que não homogênea. Com as suas diferenças de formação, estilo

4 Para uma discussão aprofundada desse conceito, ver *Literatura Negro-Brasileira*, de Cuti (Selo Negro, 2010).

e trajetória, percepção e ação, inauguram um espaço que, desde sua origem, operou na fronteira entre o político e o estético, e cuja força (ao longo de suas diversas formações) reside justamente na capacidade de, ao discutir literatura desde uma produção e de uma prática ética-estética-política negra, questionar a própria formação da literatura brasileira.

Ao projeto interessa reunir em constelação lembranças, narrativas pessoais, documentos dispersos ou esquecidos, captar e registrar gestos cotidianos de preservação (e de perda/esquecimento) que as escritoras e os escritores do grupo produziram ao longo de suas vidas, não apenas enquanto integrantes do Quilombhoje. Constituímos assim um lugar analítico que nos permite ao mesmo tempo nos debruçar sobre a formação e a elaboração coletiva, ao passo que adensamos as muitas camadas de história e memória a partir das trajetórias de vida dessas pessoas – compreendendo também que os caminhos constituídos por cada uma e cada um revelam-se como uma herança do próprio Quilombhoje.

Essa opção metodológica revelou algumas tensões internas, divergências estéticas, diferentes percepções sobre o coletivo e seu funcionamento, sobre a função da escritura negra no Brasil; sobre a própria concepção de literatura brasileira e literatura negra. O que se produz, assim, não é a reconstituição de uma história do grupo e das pessoas que o integram ou integraram, mas a emergência de múltiplas histórias – que se confirmam, se contradizem, se aprofundam ou se deslocam mutuamente –, constituindo uma articulação entre diferentes percepções sobre o próprio fazer/fazer-se coletivo e, por óbvio, das muitas e profundas influências desta

prática sobre a trajetória individual de cada uma e cada um.

O efeito desta prática de produção de memória sobre o fazer de um arquivo, que parte da história oral como condução e como posicionamento ético, é significativo: ao invés de reforçar a monumentalização ou a idealização retroativa do grupo, as entrevistas estabelecem um espaço reflexivo a partir do qual emerge o caráter processual, incompleto e plural de um projeto de memória coletivo como o do Quilombhoje. No processo das entrevistas gravadas em áudio e vídeo, registradas em fotos do momento e transcritas, recolhemos livros, fotografias, recortes de jornal, manuscritos e outros materiais que as pró-

prias pessoas entrevistadas selecionam e nos cedem – de forma definitiva ou para reprodução. Essa experiência tem se mostrado particularmente reveladora, pois permite perceber a importância do Quilombhoje como espaço de formação, de interlocução literária, de enfrentamento do racismo e, sobretudo, como uma forma específica de trabalho cole-

tivo e horizontal, algo já enunciado, reiteramos, no próprio nome do grupo.

Embora o Quilombhoje seja a motivação primordial das entrevistas, elas têm se concentrado nas trajetórias pessoais, nas quais o grupo se revela, evidenciando não um arquivo homogêneo, mas a tensão e a articulação entre as perspectivas individuais e a “identidade coletiva”. O espectro da heroicização e da monumentalização se desloca, é relativizado e matizado. A mencionada prática coletiva do fazer quilombola vai se tornando mais nuançada: diferenças aparecem, divergências são explicitadas e convergências ganham novos contornos e aliançamentos.

O próprio sentido do Acervo Quilombhoje se

A incompletude deixa
de ser falha e torna-se
metodologia: aquilo
que falta também
informa; aquilo que não
se preserva também
produz significados.

transforma e passa a ser lido em suas nuances e em sua incompletude constitutiva. O sentido de totalidade e totalização se atenua, e novos significados e questões emergem a partir desse recolhimento de documentos do e sobre o grupo, que parte das histórias pessoais de quem lhe deu vida e movimento. O arquivo deixa, assim, de ser um constructo que supostamente abarcaria e revelaria o “verdadeiro Quilombhoje” e passa a se apresentar como uma constelação de fragmentos que se articulam neste trabalho de memória que é coletivo e plural.

Um cotejo do fundo documental em processamento no AEL e no CMUrb podem contribuir não apenas para identificar as diferenças e eventuais discrepâncias dos suportes materiais da memória do grupo. Aponta também para diversos regimes de memória, de registro e de percepção da própria história coletiva do Quilombhoje. Nesta perspectiva, podemos sustentar que o arquivo (como ideia/noção e como singularidade concreta) não se apresenta como registro estável ou fixo, mas como campo de disputa e de atuação política e estética, no qual lembranças e esquecimentos são produzidos, negociados e reativados. A incompletude deixa de ser falha e torna-se metodologia: aquilo que falta também informa; aquilo que não se preserva também produz significados.

O projeto Quilombhoje Literatura: “uma luta que nos transcende” desdobrar-se-á também em ações de extroversão – ações de comunicação em redes sociais, podcasts, videocasts, seminários – que expandirão o alcance público das entrevistas e, simultaneamente, reafirmarão a centralidade das narrativas orais para a compreensão do grupo. Esses produtos adicionarão camadas de memória e, como registros da própria pesquisa, resultarão numa espécie de “meta-arquivo”: arquivos que documentam a construção de um arquivo. São trabalho de memória auto reflexivo que se destina não apenas a guardar os vestígios da experiência de construção do Quilombhoje, mas produzir reflexivamente – nos moldes da história pública – uma incidência no campo da memória e da literatura negras, a partir da construção compartilhada com aquelas e aqueles que

vivem e constroem este coletivo.

Em todos esses movimentos – sua recepção, passando por seu processamento arquivístico e através da produção de documentação –, o arquivo deixa de ser apenas o lugar onde documentos são guardados para tornar-se o campo de construção e debates, no qual trajetórias e narrativas se cruzam, e onde lembrar é, também, imaginar e criar. O arquivo, nesse sentido, não é apenas efeito do grupo, mas também instrumento de sua reinscrição histórica.



*“... este livro não se propõe a ser começo nem fim.
É parte de uma luta que nos transcende,
pois teve início muito antes e vai continuar depois de nós...”*

QUILOMBOHOJE

Foto: Da esquerda para a direita; em cima: Marcio Barbosa, Esmeralda Ribeiro, Oubi Inaê Kibuko, Cuti e Miriam Alves. Em baixo: Sonia F. Conceição, J. Abílio e Jamu Minka.

Lélia

Gonzalez

I PRÊMIO LITERÁRIO E ENSAÍSTICO SOBRE A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA

Inscrições
de 27 JUL
a 4 de SET
de 1998

Produção:



Apoio:

Heinrich
Boll Stiftung

1 DO OBJETIVO • Artigo 1º • Lélia Gonzalez • 1º Prêmio Literário e Ensaístico sobre a Condição da Mulher Negra tem por objetivo selecionar e publicar 25 trabalhos que versem sobre a condição da mulher negra, nas seguintes categorias: a • Poemas b • Ensaíos c • Contos.

2 DA PREMIAÇÃO • Artigo 2º • A Premiação constará da publicação dos trabalhos selecionados. A cada candidata selecionada será concedido 10 exemplares do livro publicado. Artigo 3º • Somente poderão concorrer pessoas físicas e o trabalho ser de autoria exclusiva da concorrente. Artigo 4º • A autora do trabalho deverá preencher as seguintes condições:

a• apresentar trabalho inédito de interesse para a vida da mulher negra; b• não ser membro ou parente da Comissão de Seleção ou selecionará os trabalhos; c• não ser associada, estagiária ou funcionária de CRIOLA.

Parágrafo Único • Cada pessoa só pode concorrer em uma única categoria.

3 DA INSCRIÇÃO • Artigo 5º • A inscrição para concorrer ao Lélia Gonzalez • 1º Prêmio Literário e Ensaístico sobre a Condição da Mulher Negra será feita pelo correio, no período de 27 de julho a 4 de setembro de 1998, na sede de CRIOLA, Rua Senador Dantas, 117 cobertura 2B, Centro, Cep nº 20031-201- Rio de Janeiro.

Parágrafo Único • As inscrições serão aceitas até o dia 4 de set/98, valendo o carimbo do correio como comprovante da data.

Artigo 6º • No ato da inscrição, a candidata deverá apresentar o trabalho acompanhado de um envelope lacrado contendo a sua identificação, pseudônimo usado, título do trabalho, endereço e telefone para contato.

Parágrafo Único • A não apresentação do trabalho identificado conforme as especificações descritas no caput deste artigo, cancelará automaticamente a inscrição da candidata.

4 DOS TRABALHOS • Artigo 7º • O trabalho deverá ser apresentado, obrigatoriamente, na forma que se segue: a• em lauda padrão, 50 toques por linha e 20 linhas por folha, devendo contar o título como sendo uma linha; b• total de 10 laudas, no máximo; c• os trabalhos devem ser datilografados ou digitados em corpo 12, espaço 02; d• em 05 vias de igual conteúdo, sendo cada uma delas inserida em envelope separado, em que deverá constar, obrigatoriamente, o pseudônimo adotado pela candidata e a categoria a que se destina; e• devem acompanhar cópias dos textos em envelope lacrado com o nome completo, pseudônimo utilizado, o título do trabalho, endereço completo e telefone para contato.

Parágrafo Único • Será anulada a inscrição de trabalhos que não estejam assinados com pseudônimos.

Artigo 8º • Um exemplar de cada trabalho será enviado a cada uma dos membros da Comissão de Seleção do prêmio.

5 DA COMISSÃO DE SELEÇÃO • Artigo 9º • A escolha dos trabalhos premiados será feita por uma Comissão de Seleção, composta por cinco mulheres negras ligadas a literatura, história e a cultura afro-brasileira.

Artigo 10º • A Comissão selecionará, no máximo, 25 projetos, independentes da categoria a que pertençam, com base na expressividade do material, sua qualidade técnica e o conjunto da obra.

Artigo 11º • As decisões da Comissão de Seleção não serão suscetíveis de recursos ou impugnações em qualquer fase do processo de premiação.

Artigo 12º • A Comissão de Seleção terá até o dia 5 de outubro/98 para selecionar os trabalhos.

Artigo 13º • O resultado da premiação será divulgado no mês de outubro/98, ocasião em que CRIOLA convocará as selecionadas pelo correio.

Artigo 14º • As autoras que não forem classificadas terão direito de retirar os trabalhos no prazo de um mês, após a data de divulgação das selecionadas.

6 DOS CONTRATOS • Artigo 15º • A concorrente selecionada deverá assinar autorização para que CRIOLA possa dispor da obra para publicação em outras línguas e efetuar registro junto à Biblioteca Nacional.

Parágrafo Único • As concorrentes deverão enviar fotos preto e branco, formato 9 x 12cm em papel brilhante e cópias da carteira de identidade e CIC.

7 DISPOSIÇÃO FINAL • Artigo 16º • Esclarecemos às participantes acerca da premiação poderão ser prestados por CRIOLA, em dias úteis de 10h às 19h, em sua sede.

Artigo 17º • O lançamento da publicação está previsto para o dia 20 de novembro/98, em local a ser comunicado por CRIOLA.

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DO QUILOMBOHOJE E OS CADERNOS NEGROS

Esmeralda Ribeiro

Integra os coletivos Quilombhoje, Escritoras Negras Flores de Baobá, Caias e Escrevientes. Co-organizadora dos Cadernos Negros, publicou os livros e antologias.

Introdução

O Quilombhoje é um movimento cultural e literário surgido em 1980, no dia 28 de fevereiro, no extinto Bar Mutamba, na região central da cidade de São Paulo. O Coletivo foi fundamental para a visibilidade da literatura negra brasileira. Em um contexto de resistência e afirmação da identidade afro-brasileira, o Quilombhoje e os Cadernos Negros se destacaram como espaços de criação e disseminação de vozes negras. Este texto analisa a importância histórica do Quilombhoje e o processo de editoração dos Cadernos, destacando seu impacto na literatura afro-brasileira.

O Quilombhoje nasceu influenciado pelo movimento negro dos anos 1970 e 1980 e foi nas décadas de 80 e 90 que o Coletivo criou as Rodas de Poemas, que aconteciam por toda cidade. O formato da Roda era como nos Xirês de Candomblé, criávamos um ponto para aquela roda específica, sempre acompanhada de instrumentos

de percussão. Cantava-se o ponto, uma pessoa entrava na roda e depois de sua performance, retomávamos a cantiga. A duração desse evento era de 40 (quarenta) minutos cravados. A ideia era o gostinho de quero mais. Com foco na produção literária e na afirmação da identidade negra, o grupo reuniu autores como Abelardo Rodrigues, Cuti (Luiz Silva), Paulo Colina e Oswaldo de Camargo (na primeira formação). Dois anos depois, no Coletivo surgiu a segunda formação: Cuti, Esmeralda Ribeiro, Jamu Minka, Márcio Barbosa, Miriam Alves, Oubi Inaê Kibuko e Sônia Fátima da Conceição. Depois se juntaram a nós Abílio Ferreira e Vera Alves e temos uma pessoa que divulga os trabalhos do Coletivo, o Cosme Nascimento. A partir de 1999, eu e Márcio assumimos continuar com a edição de Cadernos Negros e gerir as outras tarefas do Coletivo. A partir de 2023, a proposta foi inserir a ala jovem

da família em todos os processos da edição e lançamento da série.

O Quilombhoje influenciou a literatura negra brasileira ao criar um espaço para vozes marginalizadas, abordando temas como racismo, identidade e resistência. Sobretudo a continuação do legado na escrita dos nossos ancestrais. Contribuímos com a desconstrução da ideia de somente escritores brancos na literatura brasileira, mostrando que também nós autores negros produzimos ótimos poemas e brilhantes narrativas, em conto e romance. A atuação do grupo também incentivou a criação de outros movimentos literários afro-brasileiros.

O Papel dos Cadernos Negros

Os Cadernos Negros, publicados desde 1978, tem sido fundamentais para a disseminação da literatura afro-brasileira. Com edições que misturam poesia, contos e ensaios, os Cadernos abriram portas para novos autores e temas, impactando a comunidade negra e a literatura brasileira. A editoração dos Cadernos reflete a busca por uma estética e uma narrativa próprias, contribuindo para a valorização da cultura negra. É preciso registrar que os criadores da série Cadernos Negros foram o Cuti (Luiz Silva) e Hugo Ferreira, no extinto Cekan, na Bela Vista. O nome Cadernos Negros foi inspirado nos cadernos que a escritora Carolina Maria de Jesus encontrava nos lixos e usava para escrever seus textos. A palavra Negros foi pensada para dar um diferencial ao título.

Desconstruímos também o formato de eventos de lançamento de livro – transformamos aquela imagem de só ter taças de vinho branco e a mesma música clássica por um evento multimídia. Eventos com metalinguagem, música, dança, fala dos autorxs, sempre uma homenagem a alguma personalidade que partiu para outro plano astral e leituras dramáticas dos contos. Com Mc's para dar toda ligação ao lançamento, do começo ao fim.

Acervo do Coletivo

O acervo do Quilombhoje, preservado pelo Afro Memória, é vital para a memória da literatura negra. Com edições dos Cadernos, o acervo é uma fonte rica para pesquisas sobre a literatura afro-brasileira e a história do movimento negro. O acesso a esses documentos permite entender melhor o contexto e a importância do Quilombhoje Literatura e dos Cadernos Negros na formação de leitores que também leem outros escritores afro-brasileiros. Ao longo desses 45 anos foram publicados mais de 45 mil exemplares, com escritas de pessoas de toda a parte do país. Publicamos os seguintes livros comemorativos: Melhores Contos e Melhores Poemas; 3 Décadas de Cadernos Negros (contos, poemas, entrevistas, fotos, capas e textos para orelha, publicadas até aquele momento). Em 2023, o Quilombhoje e os Cadernos receberam a Salva de Prata, em celebração aos seus 45 anos de existência. Na época também foi produzido um livreto, com um pouco de história, fotos e textos literários, só com os componentes que participaram do Coletivo, a única exceção foi a participação da escritora Conceição Evaristo no livro e na homenagem. O acervo também é usado em projetos de educação e difusão da cultura afro-brasileira.

Legado e Relevância Atual

O Quilombhoje e os Cadernos Negros foram fundamentais para a criação de espaços de resistência e inovação. O legado do movimento permanece relevante, inspirando novas gerações a explorar temas de identidade, racismo e cultura afro-brasileira. A influência do Quilombhoje pode ser vista em autores contemporâneos que continuam a abordar temas semelhantes em suas obras.

O Coletivo e a publicação são marcos na literatura afro-brasileira, contribuindo para a visibilidade e valorização de vozes negras. O movimento segue inspirando reflexões e produções literárias, reforçando a importância da cultura e identidade afro-brasileira.

Abaixo três pontos cantados nas Rodas de Poemas e nos lançamentos dos Cadernos Negros:

Abertura:

Canta pra assentar o axé

*Canta pra assentar o axé yo, yo canta pra
assentar o axé canta pra assentar o axé yo yo
Canta pra assentar o axé*

*Poesia de negro é axé!
Poesia de negro é axé,
É axé!
Poesia de negro é axé,
É axé!*

*Axé babá eu digo,
Eu digo axé ago
E entro nessa roda
Incômodo o sinhô*

*Axé babá eu digo,
Eu digo axé ago
E entro nessa roda
Incômodo o sinhô*

*Olha o tombo
Olha o tombo
A poesia negra
Tem a força de um quilombo*

*Olha o tombo
Olha o tombo
A poesia negra
Tem a força de um quilombo*

Encerramento:

Canta pra espalhar o axé

*Canta pra espalhar o axé
Yo, yo
Canta pra espalhar o axé*

ABÍLIO FERREIRA
ARNALDO XAVIER
CONCEIÇÃO EVARISTO
CUTI
ESMERALDA RIBEIRO
MARCIO BARBOSA
MIRIAM ALVES
OUBI INAÊ KIBUKO

CADERNOS NEGROS 13 - POEMAS

CADERNOS NEGROS 13



S A M O O

Cadernos Negros é uma série anual. Publica alternadamente poesia e contos nos mais variados estilos.

1990, início de década, perfil democrático esboçando-se no país, o "Cadernos" traz poesia, como quem entrega a sua parte da grande oferta ao Novo Tempo. Ao discurso político-ideológico, a tarefa de colher seus cacos. queda de muros, expectativas frustradas, revoluções sem êxito, ameaças e desastres ecológicos, racismos diversificados a serem combatidos...

O poeta engole os fatos e, quando os devolve, já não são mais fatos, sim palavras iluminadas de vivência, ousadia na denúncia, paciência renitente na revigoração da linguagem... Ofício mágico e necessário: situar o ser humano no centro de si mesmo, onde a capacidade de pensar jamais se afasta da capacidade de sentir, o grito e o riso passeiam de mãos dadas.

Cadernos Negros 13 — Poemas entrega aos leitores mais esta viagem por inusitados caminhos da leitura. É só tomar o trem da palavra.

Conceição Evaristo
Cuti
Esmeralda Ribeiro
H. Cunha Jr.
Lia Vieira
Marcio Barbosa
Oubi Inaê Kibuko

CADERNOS NEGROS 14 - CONTOS

CADERNOS NEGROS 14 C O N T O S

O surgimento de mais um Cadernos Negros proporciona inegável satisfação. Nascida em 1978, esta série anual, que alterna poemas e contos, vem se firmando como um importante espaço para a criação literária afro-brasileira.

Sete autores neste décimo-quarto volume traduzem, através do lado artístico da palavra, as alegrias e sofrimentos do mundo. De contentamento e dor, de realismo e surrealismos, de acontecimentos comuns ou insólitos são feitos estes contos. Em evidência estão personagens que se assemelham por serem atingidos pelo cotidiano das relações raciais. A diferença de estilos, a variação entre contos longos e curtos, assim como a diversidade dos temas abordados enriquecem a leitura e podem provocar a sensação de que, aqui, tudo é familiar mas, ao mesmo tempo, surpreendentemente novo.

Resultado material do esforço coletivo gerado pelos braços do Quilombhoje, Cadernos Negros traz a sua colaboração para a construção de um mundo melhor. A sua leitura é capaz de revelar-se como um dos prazeres da arte. Ao leitor cabe deixar-se levar nesta viagem.

DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Qual a importância de *Cadernos Negros* na apresentação de minha obra?

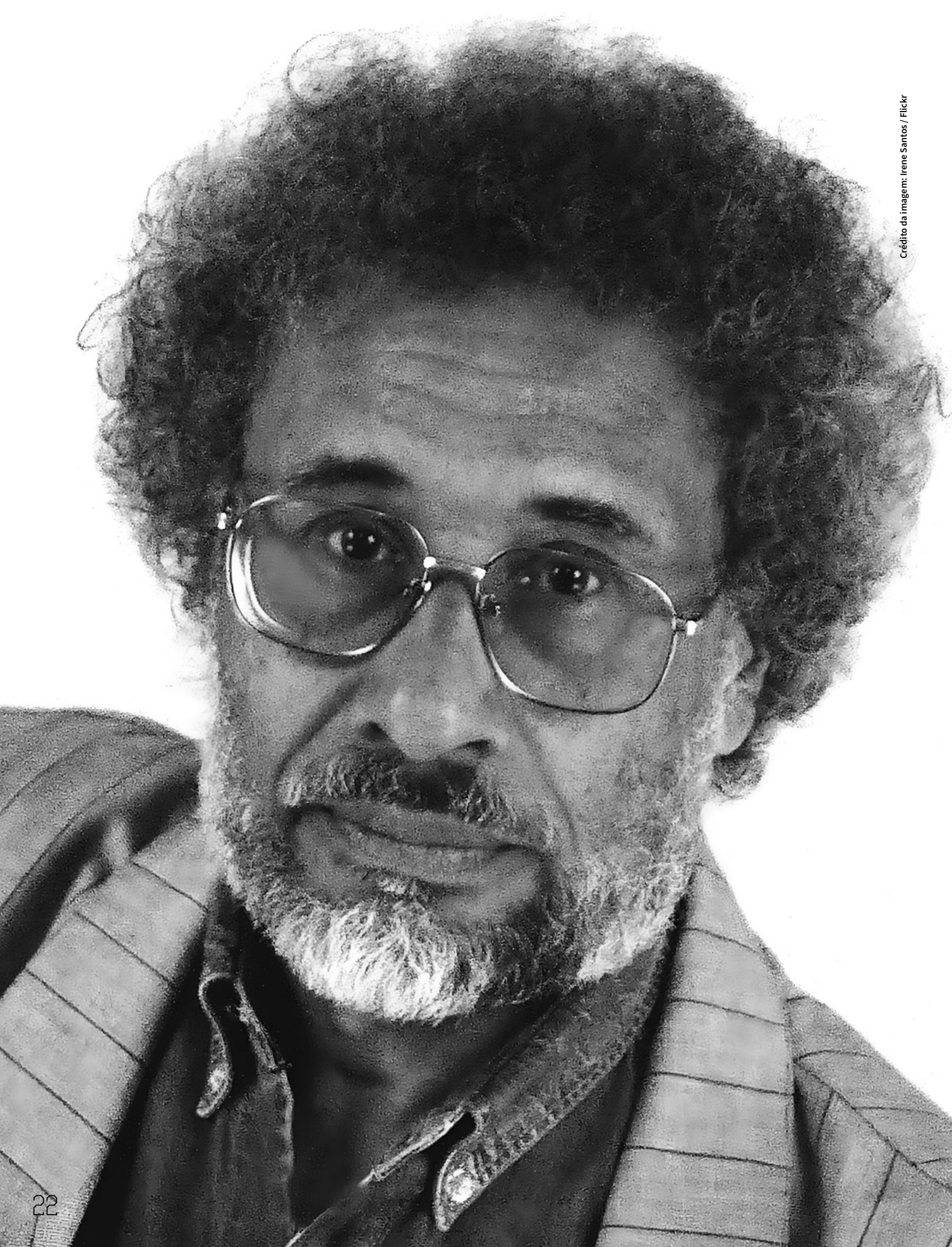
Para começar, a minha primeira publicação, em 1990, eu já com 44 anos — é nesse momento que eu saio do ineditismo — foi em *Cadernos Negros* 13. Naquele ano a publicação foi de poemas, porque *Cadernos Negros* altera um ano de poemas e outro ano de prosa. Então, naquele momento eu participei de *Cadernos Negros*, os poemas foram aceitos e, além de aceitos, o público leitor — os *Cadernos Negros* têm essa importância, o Quilombhoje tem essa importância muito grande, porque ele tem investido na formação de público leitor. O Quilombhoje tem um público leitor muito grande se levado em consideração uma série de fatores — é um grupo que lida com pouco dinheiro, é um trabalho autofinanciado e o Quilombhoje ao longo de mais de quatro décadas tem conseguido manter esse público leitor. Quando eu apareço em *Cadernos Negros* 13 eu tive esse público leitor que é receptivo ao grupo, então esse mesmo público demonstrou uma recepção muito boa em relação aos poemas.

Eu continuei depois no outro ano, em *Cadernos Negros* 14, que eram contos, e de novo a mesma recepção. O Quilombhoje tem atuado não só diante da minha literatura, mas também de outras autoras e autores, sendo o primeiro lugar de recepção. Ele também confere, me conferiu, uma certa confiança — o grupo legitimou o meu trabalho e isso me coloca numa posição de crer que minha literatura valia a pena. Então para mim foi isso, o Quilombhoje como um rito de passagem me permite uma passagem do ineditismo para me tornar conhecida, de conquistar um público leitor. Outro aspecto que também

tem a ver com o Quilombhoje em relação a uma nova autoria, à minha autoria, é que o Quilombhoje tem que ser lembrado como um gesto inicial, que contaminou o que hoje se chamam esses grupos que vão para a praça falar os seus poemas. A roda de poema feita pelo grupo possibilitou ou influenciou ou é uma ação-matriz que gerou, sem sombra de dúvidas, essas formas hoje — São Paulo tem essa forma bem marcante — desses grupos que se reúnem para falar poemas em praça pública. A própria dinâmica expositiva do rapper em praça pública, que na verdade são rodas de poemas modificadas, adaptadas a uma modernidade. E, sem sombra de dúvidas, nós podemos pensar o Quilombhoje, com suas rodas de poemas, como ações que foram fecundantes ao longo do tempo.

A escritora Conceição Evaristo durante debate no Festival Latinidades 2013





OLIVEIRA SILVEIRA (1941-2009): NOTAS SOBRE UM GUERREIRO ANCESTRAL DOS CADERNOS NEGROS

Ryan B. Morrison

Pós-doutorando da University of Michigan – Ann Arbor

O conjunto de epígrafes em verso que inauguram o primeiro volume de *Cadernos Negros*, de 1978, se assemelha, em sua forma, ao litoral brasileiro. No extremo sul daquela cartografia, como se fosse reflexo de sua terra natal meridional, encontram-se os versos do saudoso poeta sul-riograndense Oliveira Ferreira da Silveira: “Já fui a palavra canga/ sou hoje a palavra basta”.

Da primeira edição até a trigésima segunda, de 2009, dedicada a ele e ao poeta baiano Jônatas Conceição, o chamado Poeta da Consciência Negra deixou sua marca em seis números ao longo da antologia seriada, assumida por Quilombhoje, coletivo cultural e editora de São Paulo, em 1983.¹ A participação de Silveira nos *Cadernos Negros* materializa uma pluralização de negritudes para além do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Como plataforma literária negra de alcance verdadeiramente nacional, *Cadernos Negros* ofereceu

a Silveira um circuito em que a sua ancestralidade sulina podia matizar e confrontar diretamente os imaginários raciais dominados pelo Sudeste (Antonio, 2005, p. 13).

Já em 1971, desde uma das porções limítrofes do território nacional — de Porto Alegre, cidade que o conscientizou sobre sua condição racial —, Oliveira Silveira e o Grupo Palmares idealizaram o 20 de novembro como data comemorativa da luta negra no Brasil, em homenagem à resistência de Zumbi dos Palmares, assassinado em 1695 (Silveira, 1996, p. 18).² Essa escolha se opõe à celebração da abolição da escravatura, promulgada em 13 de maio de 1888, que, como Zózimo Bulbul evidencia incisivamente no filme *Abolição* (1988), fez pouco para transformar as condições materiais da população negra no país.

1 Rende-se uma homenagem póstuma aos dois poetas no volume de 2009, no qual eles são lembrados como “guerreiros-ancestrais”, apelido que inspira o título do presente artigo.

2 “Mesmo em Rosário, não cheguei a tomar consciência de minha condição de negro. Isso aconteceu apenas em Porto Alegre, quando entrei na faculdade. Por aí se pode ver a força da discriminação e do racismo em nosso país”, observou Silveira em entrevista concedida em 2001, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, ao repórter Jader Nicolau Júnior, do *Portal Afro*.

Silveira nasceu no município de Rosário do Sul, próximo à fronteira sul do país, no dia 16 de agosto de 1941. Em 1965, ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se formou em Línguas e Literaturas Portuguesa e Francesa, o que foi crucial para seu encontro com o movimento *Négritude*. Para além da poesia e da militância, Silveira lecionou por mais de trinta anos na rede pública, e faleceu em 2009 (Glória, 2020).³

A militância de Silveira exigiu não só um lugar para a resistência negra como patrimônio da nação, mas também uma expansão que abarcasse as vivências negras que frequentemente passavam despercebidas no Sudeste. Dita expansão, ou pluralização, fica evidenciada quando nos debruçamos sobre os versos citados, que iniciam o terceiro dos oito quartetos que compõem “Sou”, de *Pelo escuro: poemas afro-gaúchos* (Silveira, 1977). A seguir, as terceira e quarta estrofes:

*Já fui a palavra canga,
sou hoje a palavra basta.
E vou refugando a manga
num atropelo de aspa.
Meu canto é faca de charque
voltada contra o feitor,
dizendo que minha carne
não é de nenhum senhor. (ibid. p. 14)*

A entonação da recusa com ressonância continental logo desemboca no refugio de linguagem regional. Aqui, trata-se de uma região cuja particularidade das relações laborais se forjou na superexploração das charqueadas, indexada por Silveira no duplo sentido de carne: uma, a humana, viva, porém escravizada; outra, a bovina, produzida pelo trabalho do corpo negro para o Brasil todo. Esse chamado a retomar as condições laborais na busca de um trabalho mais digno se repercute em palavras inscritas

3 *Négritude* foi um movimento intelectual e literário francófono, iniciado nos anos 1930 por autores como Aimé Césaire, Léopold Senghor e Léon Damas, que afirmava a valorização da cultura, identidade e experiência negra diante do colonialismo.

na obra-estandarte *Todo o café* (2023), do artista carioca André Vargas: “Se os pretos velhos todo o café produziram, a eles todo o café pertence”.

Silveira participou do lançamento do volume seguinte de poesia dos *Cadernos Negros*, a edição de 1980, na qual também teve uma seção própria, com cinco poemas inéditos. Em “Anair”, a mãe do poeta é tanto homônimo quanto musa, a ancestral materna cujo trabalho como costureira de bombachas e saias de prenda sustentava materialmente a família (Gloria, 2020). Assim começa a homenagem em verso:

*Primeiros causos
ao redor do fogareiro.
A música Bafo Quente
e a palavra megis*.
Mão coçando minhas costas
e a raiz
do meu ser. (Cadernos, 1980, p. 118)*

O afeto pela terra em conjunto com a saudade do cafuné da figura materna, que, ademais, evoca o território natal, nos aproxima da complexidade da relação que o poeta tinha com o Rio Grande do Sul. A ambivalência que atravessa Silveira em relação ao seu estado já se sobressaía em “Obrigado, minha terra”, também de *Pelo Escuro*: “Te agradeço Rio Grande/ o doce e o amargo/ pelos quais te fiz meu pago/ e as fronteiras fraternas/ por onde busquei outras terras” (Silveira, 1977, p. 15). “Anair”, exemplificado nos versos citados, ressalta o papel da linguagem local como elemento central na militância do poeta: Silveira opta por uma nota de rodapé: “*megis = mellizos (esp.) = gêmeos” (Cadernos, 1980, p. 118). O termo se remete a uma linguística fronteiriça profundamente marcada pelos países vizinhos, elemento imprescindível na ancestralidade de Oliveira, cujo lar ressoava com o espanhol do seu avô uruguaio, carinhosamente chamado de “Castelhano Nicácio” (Machado, 2022). Até o final da trajetória do autor, ele nunca se desvinculou daquela “linguagem rural” (Silveira, 2001). A tradução de tal contexto para o Brasil como um todo, representado pelo público leitor dos *Cadernos*

Negros, faz parte da missão humanizadora de expansão e pluralização da experiência negra. Ao mesmo tempo, a série oferecia a Silveira abrangência nacional para a circulação dessas ideias. A tradução também marcou a relação do militante com o movimento *Négritude*, fundamental tanto na formação de sua consciência racial como na própria gênese dos *Cadernos Negros* (Walczuk, 2014, p. 232-3). No engajamento com a diáspora negra francófona, Silveira chegou a trabalhar em uma tradução do *Cahier d'un retour au pays natal*, de Aimé Césaire (Alberti e Pereira, 2007, p. 65).

A poesia de Silveira reaparece nos *Cadernos Negros* na edição do centenário da abolição, de 1988, ano fundamental para a produção da tradição intelectual e da militância negras no país, caracterizado ainda por sua intervenção e pressão na Constituinte desde o ano anterior. O décimo primeiro volume da série conta com mais seis poemas de Silveira, anteriormente inéditos. O primeiro, “Ser ou não ser”, reflete as contradições das ideologias e governança raciais novamente pautadas no período não só comemorativo da abolição, mas também de redemocratização:

*O racismo que existe,
o racismo que não existe.
o sim que é não,
o não que é sim.
É assim o Brasil
ou não? (Cadernos, 1988, p. 54)*

O poema articula pares contraditórios para revelar uma lógica central do Brasil: a presença concreta do racismo convivendo com sua negação. Os versos ecoam diretamente os debates prementes daquele momento histórico. No plano jurídico, tendo como marco a Constituição Cidadã, a Lei Caó (Lei nº 7.716/1989) criminaliza o racismo, dizendo um “sim” oficial à sua existência. Mas, na prática social e no imaginário da harmonia racial, mantém-se o “não”, o que, no mesmo ano, Lélia Gonzalez articula como um “racismo por denegação” (1988, p. 72). A distância entre a lei e sua aplicação diante da rejeição da premissa que a sustenta, é justamente o espaço

onde se instala a ambiguidade que o poema expõe.

Finalmente, Silveira contribuiu com um último quinteto de poemas inéditos para a série de Quilombhoje em 2002, a vigésima quinta edição. Em “Cabelos que nada”, seu último poema para os *Cadernos Negros*, evidencia-se o dinamismo pleno do poeta:

*Caras que raspam a cabeça, máquinas
roem a carapinha, matam
cabelo negro, negam
a raiz, e meio
ronaldinhos eles
riem numa boa
(rico ri à toa?) (Cadernos, 2002, p. 137)*

Nesse trecho inicial, Silveira já aciona plenamente o dinamismo que marca sua intervenção final. Os cortes bruscos, as aliterações e o humor crítico revelam sua habilidade de articular violência simbólica e comentário social em poucos versos e, como em “Ser ou não ser”, refletir sobre a atualidade contemporânea da escrita; nesse caso, a seleção de futebol brasileira na virada do século. O gesto de raspar o cabelo se torna metáfora de um apagamento racial que ecoa questões estruturais exploradas ao longo da sua trajetória poética e militante. A súbita virada para o universo do futebol explicita como a estética racializada circula por meio de ídolos nacionais, incorporando e reproduzindo padrões de embranquecimento. A interrogação entre parênteses adiciona uma camada de crítica de classe que tensiona a naturalização dessas escolhas estéticas. Trata-se de um exemplo contundente do modo como o poeta expande a experiência negra brasileira a partir da sua perspectiva meridional, sempre atento às materialidades do corpo, às imagens da mídia e às armadilhas ideológicas no nível nacional.

Em poesia e prosa, múltiplos escritores sul-rio-grandenses, além de Silveira, têm imprimido sua marca ao longo de *Cadernos Negros*: Duan Kissonde (2018), Ramatis Jacino (1981, 1983, 1985, 1995), Clóvis Maciel (1982, 1984), Valdomiro Martins (2009) e Paulo Ricardo de Morães (1981,

1983). A representação de uma pluralidade de vozes e experiências, aqui destacando uma em particular, a sul-rio-grandense, inscreve-se no ímpeto da publicação, tanto quanto no trabalho de vida de Oliveira Silveira. Nas palavras do guerreiro ancestral sul-rio-grandense, na contracapa da revista de 1996: “Manter uma periodicidade assim por 19 anos [agora, rumo aos 50] mereceria reconhecimento a quem trabalhou ou trabalha nos *Cadernos*. É garra, é muita garra. Negra”.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo (Orgs.). *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.
- ANTONIO, Carlindo Fausto. *Cadernos Negros: esboço de análise*. 2005. Tese (Doutorado em Literatura Geral e Comparada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- CADERNOS Negros 3: poesia. São Paulo: edição dos autores, 1980.
- CADERNOS Negros 11: poemas. São Paulo: edição dos autores, 1988.
- CADERNOS Negros 19: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Editora Anita, 1996.
- CADERNOS Negros Volume 25: Poemas Afro-Brasileiros. São Paulo: Editora Anita, 2002.
- GLORIA, Rafael. A poesia universal do negro-gaúcho Oliveira Silveira. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, 1988, p. 69-82.
- MACHADO, Sátira Pereira. Oliveira Silveira. 2022. Disponível em: <http://ufrgs.br/oliveirasilveira/>. Acesso em: 13 novembro 2025.
- SILVEIRA, Oliveira. Entrevista. Entrevistador: Jader Nicolau Junior. *Portal Afro*, Porto Alegre, 2001.
- SILVEIRA, Oliveira. *Palmares e o 20 de novembro*. *Porto & Vírgula*, Porto Alegre, n. 29, 1996, p. 18-20.
- SILVEIRA, Oliveira. *Pelo Escuro: Poemas Afro-gaúchos*. Porto Alegre: edição do autor, 1977.
- WALCZUK, Magdalena. *Cadernos Negros – vozes afro-brasileiras às margens da literatura*. *Studia Iberystyczne*, v. 13, p. 231-243, 2014.

Crédito da imagem: Fundo Quilombhoje Literatura, Arquivo Edgard Leuenroth - Unicamp / Afro Cebrap



CADERNOS

NEGRITUDES 5

LUIZ CLAUDIO BARCELLOS 85

Cadernos Negros Três Décadas

Ensaíos, poemas, contos



Organizadores:
Esmeralda Ribeiro
Márcio Barbosa



Este livro celebra 30 anos de publicação ininterrupta da série *Cadernos Negros*, que, criada em 1978, vem mostrando a diversidade da literatura brasileira. Aqui estão reunidos poemas e contos de trinta e cinco autores; é uma pequena amostra do que já foi publicado nos volumes da série. Há também ensaios resultantes de uma interessante produção acadêmica nessa área. Três décadas! É um longo caminho percorrido e há outro tanto ainda a percorrer. Os *Cadernos Negros* merecem esta celebração.



Secretaria Especial de
Políticas de Promoção
da Igualdade Racial



ISBN 85-87138-15-6



CADERNOS NEGROS: CAMINHOS DA HISTÓRIA EDITORIAL NEGRA BRASILEIRA

Fernanda Felisberto

Professora Associada do Departamento de Letras
do Instituto Multidisciplinar, e pesquisadora
e professora do PGPACS – UFRRJ.

20 de novembro

Natal Negro

Zumbi vem num trenó histórico

Trazendo presentes de resistência

Oubi Inaê Kibuko

No volume especial *Cadernos Negros três décadas: ensaios, poemas e contos (2008)*, organizado por Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa além da seleção de poemas e contos, um conjunto de ensaios também é parte integrante deste número. A edição comemorativa se esmerou no projeto gráfico, composta por uma tiragem de capa dura, ilustrada com um mapa do Brasil sobreposto com as diferentes capas das edições de *Cadernos Negros*, miolo elaborado em papel couchê, além de um caderno de imagens precioso, com fotos de vários eventos de lançamentos das publicações, momentos marcantes da trajetória de suas autoras e autores, além de um conjunto cronológico de capas da série, configurando um relicário precioso sobre a história da literatura negra no Brasil.

O convite mais que honroso, para participar desta iniciativa dos Cadernos Afro Memória, em

homenagem ao grupo Quilombhoje e a Literatura Negra, conduziu minhas reflexões, para iniciar meu texto em diálogo com alguns destes ensaios que compõe esta edição comemorativa, que tiveram a curadoria dos textos da professora Florentina Souza, uma das nossas grandes teóricas das nossas letras pretas, e parto de seu próprio artigo intitulado “30 anos de leitura”, nossa mestra argumentou o seguinte:

“Uma antologia de poemas e contos de autores negros em um país com alto índice de analfabetismo poderia parecer fadada a ter vida curta. Quem compraria? Quem leria tais textos? Estas poderiam ter sido questões levantadas por alguns à época. Entretanto, nem sempre a vida acontece de acordo com as previsões lógicas, o inusitado, o imprevisível, ainda bem que existem...” (SOUZA: 2008, p. 44).

Desde a pertinência das reflexões de Florentina Souza, sobre os trinta anos desta publicação até os dias atuais, já se passaram dezoito anos, e remontando ao ano de 1978, como diriam os mais velhos, em especial minha avó Maria da Conceição Felisberto “quarenta e oito anos, não

são quarenta e oito dias”, e na atualidade ao se pronunciar o nome da publicação *Cadernos Negros* para nós ativistas, leitoras e leitores, pesquisadoras e pesquisadores se aciona, ao mesmo tempo, várias chaves de acesso para se entender esta coletânea, dedicada aos contos e poesias. E nessa polifonia de significados gosto de pensar sobre a estrutura, o objeto livro, que possui um sentido tão importante para as populações negras, e tem uma história iniciada no século XIX, capítulo singular da história do livro no Brasil.

Início destacando a intencionalidade em construir outras lentes para se pensar, representar e publicar uma literatura produzida por mulheres e homens negros no país. Considero, também, notável a prática de um associativismo negro que se revela pela maneira de funcionar e pelo caráter coletivo das antologias. Além da forma como as edições são concebidas, a partir de processos que envolvem uma engrenagem editorial com especificidades próprias, que compreende a seleção dos especialistas, que possuem como missão a curadoria dos textos a serem publicados, depois a ação da impressão que conta com a participação, igualmente dos autores nesta etapa, e o momento da distribuição, que tem como particularidade o lançamento dos *Cadernos Negros*, em um potente evento cultural, que tem como alvo o público negro. Esse evento é organizado pelo grupo *Quilombhoje literatura* e, posteriormente, é disponibilizado no site, e cada

autor com a sua cota, também é parte integrante do circuito de comercialização dos exemplares.

Esta série tem um compromisso, mantido desde o seu nascimento, com o protagonismo negro, com a criação de outras imagens positivas sobre o continente africano e sua diáspora, e sem contar a longevidade, por existir desde 1978 publicando literatura negra no país, erguendo fora dos circuitos oficiais um capítulo importante da nossa história editorial negra brasileira.

Como um dos caminhos para se construir pontes sobre a estrutura dos *Cadernos Negros*, e seu diálogo com um capítulo importante da história do livro, considero significativo destacar a singularidade desta experiência literária e editorial iniciada no final dos anos 70. Gestada e mantida pelo grupo *Quilombhoje literatura*, publicando contos e poemas, é evidente a intencionalidade de seus fundadores ao se posicionar, influenciados por um cenário internacional de grande efervescência política, com mudanças significativas, que impactaram diretamente no Brasil. As independências dos países africanos, a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos estavam em ebulição juntamente com os movimentos de afirmação do poder negro e beleza negra – “Black Power” dava o tom da luta pela autoestima e visibilidade do povo negro –, ao passo que internamente construía-se o sonho de sair ditadura militar no país, com a revogação do AI5, e de maneira ousada um grupo ativista, se junta para

organizar uma publicação em torno da literatura negra e nomeia seu projeto de *Cadernos Negros*.

A escolha do nome não foi aleatória, já materializava em seu título o reconhecimento do direito à memória, pois criava um vínculo para posteridade, uma homenagem permanente à escritora Carolina Maria de Jesus, o grande nome da literatura nacional. Carolina é uma autora negra que rompe fronteiras literárias e editoriais, e que na década de 60 ao publicar parte de seus manuscritos, registrados em seus cadernos, sob o título *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), move as estruturas editoriais da época, que não tinham referências a uma autora negra vendendo tantos livros. Nada mais significativo que recuperar esta memória ao nomear a coletânea fazendo referência aos cadernos de Carolina, que dialogavam diretamente com o fazer literário, e a rotina de seus autores. Segundo um dos seus fundadores e um dos idealizadores do título *Cadernos Negros*, Hugo Ferreira, no ensaio “Uma história que está apenas começando”, de Aline Costa:

“Em 1977 tinha morrido a Carolina (Maria de Jesus), e ela escrevia em Cadernos; a gente também escrevia nossas poesias em cadernos, somos da geração anterior ao computador e muita gente não tinha máquina. Uma coisa muito simples se tornou uma coisa muito forte, os cadernos eram algo nosso” (FERREIRA, Hugo in COSTA, Aline, p. 25, 2008).

Um aspecto da história editorial da série *Cadernos Negros* é o compromisso com a publicação, com o registro da experiência escrita, com sensibilidade de identificar uma autoria consolidada e contribuir nos processos de visibilidade e de “desengavetar” de muitos textos. Textos estes que se encontravam guardados por falta de condições econômicas para publicar, ou pela possibilidade de se autorizar a se ver como poeta e ou contista, imaginário que nem sempre é parte integrante do horizonte das pessoas negras, pois não é uma tarefa simples de se elaborar, principalmente para esta parcela importante do país, que ainda é vista como agrafa, por uma parte da sociedade, portanto desprovida de intelectualidade.

Puxando outro fio da história editorial do país, podemos identificar nas estratégias de publicação dos *Cadernos Negros* uma semelhança com um nome singular da história do livro no Brasil que foi Francisco de Paula Brito (1809-1861), homem negro, proprietário de dois empreendimentos a *Tipografia Fluminense de Brito e Cia.* e a *Empresa Tipográfica Dous de Dezembro*, num cenário onde as poucas gráficas que existiam estavam sob o jugo da censura e sob o comando de portugueses. Paula Brito, como também era conhecido, faz parte de um capítulo importante da história da edição negra no Brasil, pois publicou em 1833 o periódico *O Homem de cor*, a revista a “Mulher do Simplício”, periódico dedicado à questão feminina na corte. Além disso em sua

biografia, também podemos encontrar dados impressionantes, pois com todas as restrições e dificuldades, o editor publicou cerca de 400 livros, e em seus negócios os jovens escritores tinham vez, além de editar autores responsáveis pela gênese da literatura negra e brasileira. Um destaque em sua atuação é a publicação do *Filho do Pescador*, em 1843, de Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, primeira obra do gênero romance publicado no país - ainda sem a devida atenção da crítica especializada -, além de empregar e publicar em sua tipografia Antonio Maria Machado de Assis, que se tornaria um dos nomes mais importantes das nossas letras.

Conectar Paula Brito e Carolina Maria de Jesus para falar da série *Cadernos Negros* nos remete a duas questões que envolvem a autoria negra no país, que são as estratégias de publicação e o reconhecimento da diversidade e qualidade autoral em diferentes segmentos sociais. Revelando duas faces importantes da história da literatura negra brasileira, seu conteúdo constitui um grande acervo em movimento da autoria negra no campo da prosa e da poesia. Ao mesmo tempo, representa um capítulo fundamental da história do livro e da leitura no Brasil, tendo como eixo a autoria negra e o processo de formação e consolidação de um público leitor. Trata-se de uma história construída coletivamente, marcada por um compromisso político radical com a publicação de escritoras e escritores negros de diferentes gerações e regiões do país. Vida longa aos *Cadernos Negros*.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marcio, RIBEIRO, Esmeralda (org.) *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas/contos*- São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008.
- COSTA, Aline. “Uma história que está apenas começando” in *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas/contos*- São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008.
- KIBUKO, Oubí Inaê. Calendário. In *Cadernos Negros 17*. São Paulo: Edição dos autores, 1994.
- MARTINS, Bruno Guimarães. Os artifícios da voz: Francisco de Paula Brito e a Sociedade Petalógica. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 4, n. 8, 2016. DOI: 10.22484/2318-5694.2016v4n8p135-149. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2738>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 28, n. 4, p. 155-170, 2018. DOI: 10.17851/2317-2096.28.4.155-170. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18829>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- RIBEIRO, A. E.; ALVES PEREIRA, M. do R. EDITORAS PALLAS, CORRUPIO E MAZZA: PIONEIRISMO E PUBLICAÇÃO NEGRA NO BRASIL. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S. l.], v. 20, n. 42, 2021. DOI: 10.5902/2175497744249. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/44249>. Acesso em: 10 dez. 2025.
- SOUZA, Florentina. *Afrodescendência em Cadernos negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. “30 anos de Leitura” in BARBOSA, Marcio, RIBEIRO, Esmeralda (org.) *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas/contos*- São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008.

FLIPENHA 2021

Carolina Maria de Jesus

19—23 de outubro

Crédito da imagem: Fundo Quilombhoje Literatura, Arquivo Edgard Leuenroth - Unicamp / Afro Cebrap





QUILOMBOHOJE LITERATURA

CAIXA POSTAL 2225 - SP/SP - CEP 01060-970 - BRASIL

E-MAIL: QUILOMBOHOJE@G.COM.BR / QUILOMBOHOJE@BOL.COM.BR

TELEFAX: (011) 6231-5783

PROGRAMAÇÃO DETALHADA DA OFICINA

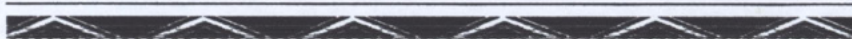
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA UM
CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO DO RACISMO

Primeira Oficina
Dia 16/11/03, das 14h às 17h.

- Boas Vindas (14h)
- Introdução da Oficina (14h)
- Dinâmica de Grupo (14h10)
- Palestras:
 - Introdução sobre a literatura dos afro-descendentes – palestrante: Oswaldo de Camargo (14h40 – 15h20)
 - Produção literária como contribuição para a auto-estima – palestrante: Esmeralda Ribeiro (15h15 – 16h05) ** Exibição de um curta: Carolina Maria de Jesus e participação dos jovens.
- Momento de Criação Literária. Coordenação: Márcio Barbosa (16h10 – 16h50)
- Lanche da tarde e encerramento da primeira oficina.

Coordenação Geral: Quilombohoje Literatura (Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa).

Local: Hipermercado Andorinha – Av. Parada Pinto, 2262
V.N.Cachoeirinha – SP/SP



O QUILOMBOJE E A FORMAÇÃO DE ESCRITORES: LITERATURA NEGRA E MOVIMENTO

Andressa Marques

Escritora, professora e Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Seu romance de estreia “A construção” [Editora Nós], 2024, foi vencedor do Prêmio Toca Literária. Atualmente, é Coordenadora-Geral do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) no Ministério da Cultura.

Se tem algo que sempre me chamou atenção na prática, criações e publicações do Quilombhoje, coletivo de autores negros e negras fundado em 1978, está a capacidade de possibilitar a criação literária que nasce da coletividade. O apelo individual da escrita literária impele escritores e escritoras a um caminho mental que cria mundos em silêncio. O que parece um dissenso ao pensarmos no trabalho desse coletivo de autores negros que decidiu se reunir para escrever, criar e, sobretudo, elaborar conjuntamente um espaço de publicação de obras em que a vida interior negra coubesse na literatura.

O acervo do Quilombhoje no Projeto Afro Memória preserva uma cópia da divulgação da oficina “Literatura afro-brasileira: um caminho para a superação do racismo”, ocorrida em 15 de novembro de 2003. Esse documento nos ajuda a compreender parte da dinâmica das oficinas de escrita criativa promovidas pelo grupo de escritores. A programação contou com uma palestra do autor Oswaldo de Camargo sobre a literatura

negra, seguida da palestra da escritora Esmeralda Ribeiro sobre a produção literária como contribuição para a autoestima. Após as discussões, o grupo passou ao “momento de criação literária” coordenado pelo escritor Márcio Barbosa como podemos ver no registro da oficina (*ver na página à esquerda*).

O Quilombhoje nasceu em 1980 a partir do interesse de jovens escritores negros e negras em encontrar seus pares para publicar textos literários, aprender e aprimorar seu projeto literário individual e coletivo, como demonstrado no documento acima. O registro informa que a oficina teve início com uma parte teórica com abordagens distintas sobre o conceito de literatura dos afro-descendentes, seguida da discussão de uma dimensão aplicada da literatura. Cabe destacar que a metodologia do encontro buscou tanto adensar reflexões sobre a literatura de autoria negra, a partir da perspectiva de seus escritores, como também proporcionar o acesso a ferramentas de escrita para os participantes. Neste artigo,

busco demonstrar como este documento nos ajuda a compreender a busca pela consolidação da literatura negra desenvolvida por entidades, coletivos, escritores e intelectuais do movimento negro brasileiro em períodos distintos.

O programa elaborado para essa oficina mostra o compromisso do grupo com a formação literária e o aprimoramento de seus integrantes, revelando que sua empreitada não se restringiu à publicação de obras. É notória a relevância da contribuição dos Cadernos Negros, compêndio de textos literários em prosa e verso publicado pela primeira vez em 1978 e editado pelo Quilombhoje a partir de 1980, para o avanço da literatura negra no campo literário brasileiro. No entanto, essa empreitada precisa ser compreendida à luz de outras atividades e projetos do grupo como demonstrado no documento aqui analisado. A intenção do Quilombhoje de “discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura”, como consta em seu site¹, além de inserir autores negros no campo literário, também expõe um projeto pioneiro de formação de escritores e escritoras por meio das trocas coletivas promovidas em oficinas de escrita criativa.

Atualmente, acompanhamos uma profusão de oficinas de escrita criativa que ocorrem em instituições privadas em sua maioria. No Brasil, a prática mais longeva e academicamente estruturada é a Oficina de Criação Literária da PUC-RS ministrada por Luiz Antonio Assis Brasil desde 1985. Nos EUA, tais oficinas ocorrem tanto em universidades quanto em cursos privados como o famoso Gotham Writes Workshop em desenvolvimento há 30 anos. A popularidade das oficinas de escrita criativa pode ser explicada por sua finalidade híbrida: é acessada por escritores aspirantes, profissionais que querem desenvolver habilidades criativas, pessoas do ramo publicitário, roteiristas e também um público de filiações diversas que vê as oficinas de escrita criativa como oportunidade de aprofundamento da expertise leitora e da escrita numa dimensão

não necessariamente literária. Nesse sentido, a empreitada do Quilombhoje é inovadora ao conjugar uma formação que passa tanto pelo aprofundamento do conhecimento sobre a literatura de autoria negra quanto pelo desenvolvimento conjunto de técnicas narrativas potencializadas da criação literária desses autores de maneira coletiva e autogerida. Assim, o objetivo do Quilombhoje de ofertar novas produções para o campo, qualificar seu público leitor e autores se revelou estratégico para a consolidação da literatura negra no campo literário como a conhecemos hoje, além de se conectar a um passado em que essa tarefa também se fez presente.

Desde a sua fundação, o Quilombhoje cultivou uma conexão simbiótica com o movimento negro do país. Não é à toa que o poeta e dramaturgo Luiz Silva Cuti, um dos idealizadores dos Cadernos Negros, era colaborador do *Jornegro* (1978-1981) e integrante do Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan) surgido na cidade de São Paulo em 1971. Mário Augusto Medeiros da Silva (2011) discutiu o percurso dos intelectuais e escritores negros deste período demonstrando a coexistência e troca entre os ativistas dos anos 1970 e os antigos militantes de entidades como a Associação Cultural do Negro (ACN), que teve atuação destacada nos anos 1950. Vale destacar que entre os fundadores da ACN esteve José Correia Leite, também fundador do *O Clarim d’Alvorada* (1924-1927), importante periódico da *Imprensa Negra no Pós-Abolição*. O breve retrospecto dessas entidades e publicações dá a ver o elo entre as gerações do movimento negro e uma continuidade do compromisso desses intelectuais, escritores, jornalistas e pesquisadores em consolidar a experiência negra em diversas áreas da vida social², incluindo a cultura.

A literatura esteve no cerne da comunicação realizada pela *Imprensa Negra no Pós-Abolição*. Seja pela publicação de poemas e contos em

1 Para mais, ler a sessão “Quilombhoje: missão” no endereço eletrônico: www.quilombhoje.com.br.

2 Para mais, ver o capítulo “O Quilombhoje, os Cadernos Negros e o continuum criativo do movimento negro brasileiro (1978)” da minha tese *Autoras de seus dias: escritoras negras e o ensino de literatura*, de 2021.

suas páginas, passando pela divulgação de lançamentos de obras literárias de autores negros, chegando às campanhas pela formação de bibliotecas nos clubes sociais negros e à exaltação dos escritores fundadores da autoria negra brasileira: a Imprensa Negra também se ocupou de aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura³ como fez o Quilombhoje. Para ficar em apenas um exemplo, na edição d'O Clarim d'Alvorada, de 18 de junho de 1927, há um anúncio sobre a estreia do escritor Lino Guedes com o livro "O canto do cysne preto" com o chamado: "Recomendamos pois, aos novos leitores, O canto do cysne preto, e desejamos ao novo introductor de uma literatura negra e nova sucessivas vitórias"⁴. Cito esse exemplo, dentre tantos encontrados nas páginas da Imprensa Negra, em razão do emprego do termo 'literatura negra', seu uso concretiza a empreitada desses intelectuais interessados em consolidar seus literatos promovendo um elo com possíveis leitores. O uso do termo também mostra sua longevidade e nos faz refletir sobre a necessidade de até hoje debatermos qual seria a melhor designação para se referir à literatura elaborada por pessoas negras.

Cinco décadas separam os dois projetos, da Imprensa Negra e do Quilombhoje, para a edificação da literatura negra com seus próprios autores, publicações e leitores. Essas conexões nos mostram que a criação literária de escritores negros e negras foi preconizada por intelectuais do movimento negro em diferentes momentos da nossa história. Nesse sentido, separar a consolidação da literatura afro-descendente, afro-brasileira, negro-brasileira ou apenas literatura negra, como cunhado pela Imprensa Negra ainda nos anos 1920, da coletividade e empenho dos intelectuais, jornalistas e escritores do movimento

negro em diferentes periódicos, publicações e entidades seria como não compreender sua própria origem. O documento do Quilombhoje, preservado no Projeto Afro Memória, localiza o papel da coletividade na formação dos escritores negros realizada pelo grupo tanto por meio da oficina de escrita criativa quanto pela oferta de formação crítica sobre a literatura negra pela perspectiva de seus autores.

No cenário contemporâneo, em que a literatura negra se consolida no mercado literário com suas próprias editoras, autores e leitores, a continuidade desse projeto coletivo parece ser estratégica. A Periferia Brasileira de Letras (PBL)⁵, rede de coletivos literários das periferias brasileiras, atualiza essa empreitada coletiva. A rede, de 2022, é composta por bibliotecas comunitárias, saraus literários, slams, círculos de leitura, batalhas de MC's, selos editoriais populares com atuação comunitária em oito estados brasileiros com o objetivo de ampliar o acesso à escrita, à leitura e às oralidades pelas populações periféricas. A PBL lançou a "Carta da Periferia Brasileira de Letras à sociedade e ao poder público"⁶, em 2023, onde apresentou contribuições e reivindicações de seus, então, 170 coletivos literários periféricos para as políticas culturais de livro, leitura, literatura, escrita e bibliotecas. Dentre os 17 pontos, destaco o de número 11: "criar ações e programas de incentivo à produção literária voltadas à publicação de escritores oriundos das periferias brasileiras e de temáticas relacionadas a grupos historicamente minorizados." Como se percebe, o incentivo à criação literária de autores periféricos, negros em sua maioria, reconecta e atualiza o compromisso de desenvolvimento e expansão da literatura negra encabeçado pela Imprensa Negra, Quilombhoje e inúmeras entidades do

3 Sobre o tema, ver o capítulo "As associações negras, a Imprensa Negra e a disputa pela educação no Pós-Abolição" no trabalho citado na nota anterior.

4 A edição citada compõe o acervo da Imprensa Negra Paulista no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Para lê-la na íntegra: https://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/wp-content/uploads/2016/09/34_O_Clarim_da_Alvorada_18061927.pdf#pdfjs.action=download. Último acesso em 23 de janeiro de 2025.

5 A Periferia Brasileira de Letras (PBL) é realizada pela Cooperação Social da Fio Cruz, desde 2022, reúne 292 coletivos no Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Para mais, acessar: periferiabrasileiradeletras.org. Último acesso em 23 de janeiro de 2025.

6 Para acessar a carta na íntegra: <https://periferiabrasileiradeletras.org/pagina-carta-da-pbl/>. Último acesso em 23 de janeiro de 2025.

Pós-Abolição até hoje.

Nos anos de 2023 e 2025, a Periferia Brasileira de Letras recebeu recursos do Ministério da Cultura a fim de expandir e estruturar cada vez mais sua atuação nos territórios, potencializando a cartografia das periferias e seu fazer literário no Brasil. O fomento de trabalhos como esse pelo Estado fortalece o novo momento de estruturação da política cultural de livro, leitura, literatura, escrita e biblioteca com a regulamentação da Política Nacional de Leitura e Escrita, Lei 13.696/2018, por meio do Decreto 12.166/2024 e com a elaboração do novo Plano Nacional do Livro e Leitura (2026-2035) em vias de publicação. Ambos preconizam a democratização do acesso à escrita literária e criativa nos espaços formais e informais de cultura e educação compreendendo-a como estratégia também para a formação de leitores.

O documento do Quilombhoje analisado nos ajuda a revelar a musculatura por trás da literatura negra fortemente construída pelo exercício dos escritores e intelectuais do movimento negro em épocas distintas. Ao trazer à baila os instrumentos normativos citados, busquei atualizar a empreitada mostrando que o Estado brasileiro também se aproximou da tarefa desenvolvida pelas entidades, coletivos, intelectuais negros e negras, ao longo dos anos, em prol da democratização do direito à literatura seja como leitor e leitora, autor e autora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Política Nacional de Leitura e Escrita. Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018.

BRASIL. Decreto 12.166, de 05 de setembro de 2024.

SILVA, Andressa Marques. Autoras de seus dias: escritoras negras e o ensino de literatura. 2021. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

Crédito da Imagem: Fundo Quilombhoje Literatura, Arquivo Edgard Leuenmuth - Unicamp / Afro Cebrap

O - P - A - H - U - J - K - Z - C
U - O - R - G - A - Z



ORGANIZEM-SE!!! PARTICIPEM DO

**“1º ENCONTRO ESTADUAL
DE UNIVERSITÁRIOS(AS) NEGROS(AS)”**

**31 DE OUTUBRO, 1º E 2 DE NOVEMBRO
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SP
Pça. Cel. FERNANDO PRESTES, 30 – BOM RETIRO**

**CONTATOS PARA INFORMAÇÕES:
Sinvaldo (U.M.C.) – f.: 291-9200, ramal 351
Béka (F.I.G.) – f.: 864-1318
Milton (FATEC-SP) – f.: 954-7142**

RUMO AO 1º SEMINÁRIO NACIONAL DE UNIVERSITÁRIOS(AS) NEGROS(AS)

